

As ameaças trocadas entre o governo brasileiro e os representantes dos bancos credores nos últimos dias fazem parte de um jogo de cena, onde o objetivo é esconder as fraquezas de ambos os lados.

Os credores, tão fracos quanto o Brasil.

PAULO SOTERO, DE WASHINGTON.

Sem o apoio oficial dos governos credores e ameaçado pela persistência da alta dos preços do petróleo, o Brasil inicia, no próximo dia 10, as negociações com os bancos internacionais numa posição obviamente enfraquecida. Os bancos credores, sobretudo os dos Estados Unidos, não estão, porém, em situação muito melhor. De acordo com um estudo preliminar do First Boston Corporation, a crise do setor imobiliário norte-americano, que já provocou a quebra do sistema de caixas de poupança do país e, na semana passada, levou o Chase Manhattan Bank a anunciar centenas de milhões de dólares em perdas, representa um problema seis vezes maior do que o da dívida externa dos países em desenvolvimento.

Diante desse cenário, um executivo de um grande banco de Nova York, que participou de várias rodadas de negociações da dívida do Brasil e de outros países latino-americanos, na década passada, comparou a situação à "de dois sujeitos que sabem que estão fracos e querem convencer o outro que estão fortes". Nessas circunstâncias, disse o banqueiro, "não são boas as chances de eles se engajarem numa negociação para valer, porque isso exporia suas vulnerabilidades".

Mensagem

Este é o cenário que os países ricos estão pedindo ao Brasil e aos bancos para evitar. Os representantes do grupo dos dez, que se reuniram com o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, na segunda-feira passada, transmitiram uma mensagem clara. Jacques de Larosière, o presidente do Banco da França e secretário do grupo, disse a Eris, em nome dos demais, que uma simples rodada de dois ou três dias de reunião não será suficiente para desbloquear o processo de aprovação do acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional. "As posições não estão assentadas em concreto e existe, neste momento, algum espaço para compromisso. Mas ele passa por um pagamento de juros", afirmou uma das pessoas presentes à reunião. "As implicações de qualquer fórmula de negociação de um montante de juros atrasados como o do Brasil são enormes, principalmente nos Estados Unidos. Por isso, e porque qualquer arranjo levará meses para ser concluído, o pagamento de um montante de juros nas próximas semanas, seguido de algum tipo de indicação sobre pagamentos futuros, é essencial para se criar uma percepção favorável sobre o futuro da negociação", acrescentou a fonte.

Sem sono

Mas esta não é uma posição unânime. "Nós dizemos a mesma coisa. Mas se o pagamento não vier logo de início vamos continuar a conversar do mesmo jeito", disse um executivo de um outro grande banco de Nova York. A equipe econômica brasileira, de sua parte, parece ter absorvido a mensagem do grupo dos dez. Um assessor próximo da ministra da economia, Zélia Cardoso de Mello, disse ontem que as simulações do governo revelam uma capacidade de pagamento. Notou, porém, que sua capacidade está se reduzindo com a alta dos preços do petróleo. O assessor disse que as implicações do choque petrolífero tem-lhe tirado o sono. Zélia encerra hoje sua participação na reunião anual do FMI e do Banco Mundial fazendo um discurso em nome dos países latino-americanos. Ontem, ela aceitou o convite do presidente do Eximbank do Japão, Mitsuhide Yamaguchi, para visitar Tóquio no mês que vem.

O presidente do Banco Mundial, Barber Conable, fala durante a reunião FMI-Bird: um momento difícil para o Brasil, mas igualmente ruim para os bancos.



Antes de negociar, os bancos querem receber os juros atrasados.

FÁBIO PAHIM JR., DE WASHINGTON.

Os bancos querem que o Brasil ponha o dinheiro na mesa para discutir. Segundo o presidente de uma instituição estrangeira, as regras desejadas são estas: 1) separar os atrasados de US\$ 8,4 bilhões só com os bancos comerciais (sem contar o Clube de Paris e as remessas de lucros e dividendos) do principal dos empréstimos; 2) apresentação pelo Brasil, a 10 de outubro — a data do início formal das negociações — de uma proposta simples, que considere a renegociação anterior, feita em 88 por Mailson da Nóbrega; 3) excluir a hipótese de uma **escrow account** — uma conta feita numa instituição neutra, como o BIS (Bank of International Settlements, ou Banco de Compensações Internacionais, espécie de banco dos bancos centrais, com sede na Suíça) — como forma de **reservar** uma quantia para o pagamento de atrasados. Isto equivaleria a oferecer uma "cenoura" aos bancos. E, argumentam os credores, se há dinheiro, que se pague logo.

Antes de falar, é preciso pagar, exige Thomas Labrecque, do Chase Manhattan Bank — que falou em entrevista ao **Institutional Investor**, publicação distribuída diariamente na assembleia do FMI-Bird. Nada muito diferente, aliás, do que disse no Brasil, há algumas semanas, o vice-chairman do **Bank of Tokyo** — em seminário sobre a dívida externa

brasileira realizado no Senado brasileiro, em Brasília.

A pressão dos bancos prepara o ambiente para a renegociação da dívida em outubro. Até a assembleia do FMI-Banco Mundial, o Brasil levava vantagem — havia conseguido o apoio do Fundo Monetário para a política econômica doméstica, enviara uma carta de intenções acolhida tecnicamente e negociada com o diretor-gerente Michel Camdessus, e se preparava para negociar com os bancos, após os acertos com o FMI e com o Clube de Paris.

Ofensiva

Mas agora, com o apoio do grupo dos países ricos, o chamado G-7, que fez uma declaração inédita por se referir explicitamente ao Brasil — normalmente, o G-7 só fala sobre as nações desenvolvidas — os bancos tentam recuperar a ofensiva. E de fato, parece que já o conseguiram.

A situação dos bancos não é favorável. As ações dos grandes bancos norte-americanos, como o Citicorp, o Chase Manhattan e o Manufacturers Hanover despenharam no ano passado. Os prejuízos com os empréstimos imobiliários são incalculáveis, mas freqüentemente mencionam-se o montante de US\$ 500 bilhões, quase uma vez e meia toda a produção brasileira em um ano, e cerca de dez vezes o devido pelo Brasil aos próprios bancos. Os contribuintes norte-americanos terão que arcar com a conta da área imobiliária, e

já foi feito uma dotação orçamentária de US\$ 100 bilhões. O montante dos financiamentos imobiliários com problemas supera US\$ 1 trilhão, ou 20% do produto americano de US\$ 5,2 trilhões em 89, mas o valor dos imóveis permite recuperar metade dos empréstimos. E um dos principais mercados onde atuavam os bancos, os **junk-bonds**, simplesmente desapareceu com a quebra da principal instituição, que atuava com esses títulos, a **Drexel & Burnham**. Instituições que pedem os juros ao Brasil, como o **Chase Manhattan**, estão inchadas — o **Chase** anunciou, esta semana, que está despedindo 5 mil pessoas.

Sem a iniciativa, porém, a tarefa brasileira de enfrentar as instituições bancárias norte-americanas, japonesas e europeias é mais difícil. O Brasil tem a oferecer o início de uma revolução doméstica — capaz de por ordem na casa e reintegrar o País no mundo desenvolvido, atraindo investimentos. "Em quatro anos, criamos um fundo de US\$ 1,1 bilhão para aplicar nos mercados de ações dos países emergentes, e o Brasil pode estar entre eles. Inclusive, em condições melhores do que Portugal, porque o mercado brasileiro é muito maior — afirma Midori Aoki, vice-presidente da **Capital Research International**, uma das maiores companhias de investimentos norte-americanas, que administra fundos de US\$ 60 bilhões.

Negociação para valer irrita, diz ex-diretor do BC.



Lara Resende: a época do faz de conta está acabando.

explicam as posições do País e insistem numa negociação de longo prazo, sem prometer o impossível.

Lara Resende, interlocutor antigo do presidente do Banco

Para o Deutsche Bank há confrontação

O presidente do Deutsche Bank (Banco Alemão), Hilmar Kopper, disse ontem, em Washington, que grandes países devedores como o Brasil e a Argentina, caminham para uma confrontação com seus credores. "Estou falando que esses países têm capacidade para pagar os juros, mas falta-lhes vontade para fazê-los", explicou Kopper. O Brasil, segundo o banqueiro alemão, tem reservas acima de US\$ 10 bilhões e poderia pagar os juros de sua dívida e a Argentina também poderia pagar mais do que a simbólica quantia que desembolsa mensalmente. Kopper comentou que "o FMI deve orientar os países que se negam a pagar suas dívidas no sentido de que cumpram os acordos internacionais, para não perderem totalmente sua credibilidade." Segundo o presidente do Deutsche Bank, "enquanto o Brasil e outros países devedores não se mostrarem dispostos a cooperar mediante a redução dos juros, não é oportuno que se desenvolvam conversações para reestruturar a dívida com os bancos credores."

O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, que ouviu o pronunciamento de Hilmar Kopper, disse que primeiro o Brasil precisa alcançar um acordo com seus credores para depois reprogramar sua dívida externa de US\$ 117 bilhões, dos quais US\$57 bilhões correspondem aos créditos junto aos bancos privados.

Os pobres na América Latina já são 200 milhões

Mais de 200 milhões de latino-americanos vivem na pobreza, e a situação tende a piorar se não for selado um "novo pacto" com os países desenvolvidos. A conclusão consta de um documento elaborado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pela ONU, que recomendam a redução da dívida externa de 400 bilhões de dólares acumulada pela América Latina, o apoio a programas de desenvolvimento e a transferência de tecnologia.

O documento, intitulado **A nossa agenda** e apresentado à assembleia anual da ONU, localiza na migração acelerada para as cidades um dos fatores de agravamento da pobreza na América Latina — onde 61 milhões de pessoas vivem em condições de miséria absoluta. "Eliminar a pobreza e melhorar a qualidade de vida é o desafio mais urgente colocado para os governos e agências multilaterais dotados de recursos", recomenda o informe.

Uma primeira iniciativa foi anunciada ontem mesmo pelo BID e pelo governo espanhol, que criaram um fundo de um bilhão de dólares para o desenvolvimento regional. O Fundo do V Centenário, homenagem aos 500 anos da chegada de Colombo à América, vai financiar programas de educação, pesquisa científica, saúde pública e turismo, com juros preferenciais para os países com maiores dificuldades econômicas.

A família de
MATHILDE DE SOUZA QUEIROZ JUNQUEIRA

agradece o carinho e conforto recebidos e convida para a missa de 7ª dia, que será celebrada hoje, às 19 horas, na Paróquia de Nossa Senhora Mãe da Igreja, na Alameda Franca, 889 - Cerqueira Cesar.

CLÍNICA DE OLHOS
PROF. B. DE PAULA SANTOS
CRM 4.368

Operações e tratamentos em especial de estrabismo. Técnica de ortóptica. Consulta com hora marcada. Rua Marquês de Itú, 58 Telefone 255-0001.

COMPETÊNCIA E DIGNIDADE

MAX
O GRÁFICO

FEDERAL
PL 2241

ADESÕES: TELS. 575-9244/575-9913

Revolto com tudo, fiz declarações em Cartório, sob pena de prisão, que não ficarei com nenhum centavo do ordenado de Deputado Federal, doando aos cegos, crianças abandonadas, etc. Sou promotor de justiça aposentado.



Saturnio
1701-PDC